

Dialeto caipira x dialeto rural mineiro: um estudo comparativo

“Caipira” dialect x Minas Gerais rural dialect: a comparative study

Dialecto “caipira” x Dialecto rural de Minas Gerais: un estudio comparativo

Gisele Aparecida Ribeiro¹; Carolina Taciana Pinati²;
Rosânia Aparecida de Souza Fonseca³; Marcelo Santos⁴

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo comparar as lexias encontradas no Parque Nacional da Serra da Canastra (MG) durante a realização da tese de doutorado intitulada “O léxico nos domínios da Zagaia: um estudo linguístico na Serra da Canastra - Minas Gerais” (Ribeiro, 2016) às lexias encontradas no “Dialeto Rural”, de Amadeu Amaral (1920). A análise mostra que, apesar de nomear um mundo que está em desenvolvimento contínuo, as palavras possibilitam que sociedades parecidas, mesmo de períodos distintos e/ou distantes no espaço mantenham língua e cultura comuns.

Palavras-chave: : Léxico, Dialeto Rural, Serra da Canastra, Minas Gerais.

Abstract: The aim of this study was to compare the lexias found in the Serra da Canastra National Park (MG) during the PhD thesis entitled “The lexicon in the areas of Zagaia: a linguistic study in Serra da Canastra - Minas Gerais” (Ribeiro, 2016) to the lexias found in the “Rural Dialogue”, by Amadeu Amaral (1920). The analysis shows that while naming a world that is in continuous development, words enable similar societies, even of distinct and / or distant periods in space, to maintain common language and culture.

Keywords: Lexicon, Rural Dialect, Serra da Canastra, Minas Gerais.

Resumen: El presente trabajo tuvo como objetivo comparar las lexias encontradas en el Parque Nacional de la Sierra de la Canastra (MG) durante la realización de la tesis de doctorado titulada “El léxico en los dominios de Zagaia: un estudio lingüístico en la Serra da Canastra - Minas Gerais” Ribeiro, 2016) a las lexias encontradas en el “Dialecto Rural”, de Amadeu Amaral (1920). El análisis muestra que, a pesar de nombrar un mundo que está en desarrollo continuo, las palabras posibilitan que sociedades parecidas, incluso de períodos distintos y / o distantes en el espacio mantengan lengua y cultura comunes.

Palabras clave: Léxico, Dialecto Rural, Sierra de la Canastra, Minas Gerais.

INTRODUÇÃO

Os estudos de Amadeu Amaral sobre o dialeto caipira, conforme aponta Castro (2006, p.1937), “apresentam dois aspectos inovadores que justificam a importância que é atribuída à obra: (i) trata-se de uma tentativa pioneira de se descrever, de forma abrangente, um falar regional brasileiro - o próprio autor dizia que para se reconhecer a existência de um dialeto brasileiro ou de uma língua brasileira seria preciso que se conhecesse efetivamente esse dialeto, sendo necessário ir além do campo social e político; (ii) aborda o ponto de vista metodológico - o trabalho se orienta por princípios rigorosos, que Amaral considera indispensáveis na investigação dialetológica, o que torna confiável a sua descrição, a saber: necessidade de pesquisa in loco, rejeição de dados não verificados pessoalmente pelo investigador; clareza, objetividade e precisão na descrição dos fatos e nos registros das formas.”

Portanto analisar o léxico de uma comunidade é revelar as práticas sociais em seu acervo de palavras; é compreender a história, as manifestações artísticas,

as religiões, as atividades econômicas, os valores etc. como sendo importantes elementos constitutivos de um grupo. É dar-se a conhecer todo o seu patrimônio socio-cultural; tudo aquilo que construiu, constrói e que será deixado para a posterioridade.

LÉXICO, CULTURA E SOCIEDADE

As palavras servem para nomear o mundo que está em constante transformação e evolução, sendo as ocorrências da vida cotidiana dos falantes o que permeia o entrelaçamento entre língua e cultura. Os falantes da língua portuguesa, membros de uma mesma sociedade, compartilham entre si um conhecimento cultural do qual se valem naturalmente.

O léxico classifica de maneira única as experiências humanas de uma cultura, não apresentando, desse modo, apenas um conjunto de palavras, mas uma espécie de ponte entre os falantes de uma língua em suas condições reais de uso. A criatividade lexical dos falantes possibilita que eles criem e recriem de acordo com suas necessidades sociointeracionais.

¹Coordenadora do curso de Letras e Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais (Passos). E-mail: gisele.ribeiro@uemg.br

²Docente do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais.

³Coordenadora do curso de Pedagogia e Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais (Passos).

⁴Coordenador do curso de licenciatura em Ciências Biológicas e docente da Universidade do Estado de Minas Gerais.

Sobre essa questão, Biderman (2001, p. 179) assim se manifesta:

O Léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares: daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico.

Estudos referentes ao léxico têm chamado a atenção de especialistas de campos diversos do saber, como sociólogos, antropólogos, filósofos e de pessoas em geral, atentas e sensíveis ao fato de que as unidades lexicais de uma língua são portadoras de significado e refletem os diferentes momentos da história de uma sociedade, como aponta Biderman (1981, p. 132) quando afirma que “se considerarmos a dimensão social da língua, podemos ver no léxico o patrimônio social da comunidade por excelência, juntamente com outros símbolos da herança cultural.”

Nessa concepção, a autora busca fundamentos em Matoré (1953) ao dizer que a palavra tem uma existência psicológica e um valor coletivo, ou seja, que é pela palavra que o homem exerce a sua capacidade de abstrair e de generalizar o individual, o subjetivo.

Muito além de um conjunto de palavras, vemos que o léxico pode ser identificado como o patrimônio vocabular de uma comunidade linguística ao longo de sua história, patrimônio esse que constitui um tesouro cultural imaterial, definido por Biderman (2001, p.14) como,

Uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras. Os modelos formais dos signos linguísticos preexistem, portanto, ao indivíduo. No seu processo individual de cognição da realidade, o falante incorpora o vocabulário nomeador das realidades cognoscentes juntamente com os modelos formais que configuram o sistema lexical.

Desse universo teórico, compreendemos que o sistema são possibilidades oferecidas às diferentes comunidades linguísticas.

No campo do léxico, Coseriu (1991) acredita que correspondem ao sistema as funções representativa e associativa. A primeira corresponde à particular classificação conceptual do mundo que toda língua representa, já a segunda é a maneira peculiar pela qual essa classificação se realiza formalmente em cada idioma, tanto no momento da criação do signo quanto em sua repetição. Sobre esse tema, Biderman (1978, p. 20) discorre:

No domínio do léxico os valores semânticos tidos como “normais”, e igualmente as associações vocabulares consideradas “normais”, são função de sua frequência. Por con-

seguinte, os neologismos, tanto de forma como de significado, nos primeiros tempos em que são introduzidos no uso, geralmente causam impacto, ou, pelo menos, a impressão de estranheza, dada a sua novidade. E não estamos falando de significantes e significados gráficos. À medida que o uso dos neologismos se vai tornando frequente, passa a ser considerado como “normal” e assim esse novo vocábulo, ou esse novo valor de uma palavra velha, é incorporado à norma léxica da língua. Eis por que os neologismos, com frequência, não se encontram dicionarizados, pois o dicionário nada mais é que o repertório da norma vocabular.

E atesta, afirmando que:

O léxico pode ser considerado como o tesouro vocabular de uma determinada língua. Ele inclui a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não linguísticos e de todos os referentes do mundo físico e do mundo cultural, criado por todas as culturas humanas atuais e do passado. Por isso o léxico é o menos linguístico de todos os domínios da linguagem. Na verdade, é uma parte do idioma que se situa entre o linguístico e o extralinguístico (BIDERMAN, 1981, p.138).

Partindo dessas reflexões, entendemos que é no sistema que se propiciam as possibilidades inéditas, não realizadas na norma da língua. Portanto, é no sistema que se realizam as variações.

Neste trabalho, tivemos como objetivo comparar as lexias coletadas no Parque Nacional da Serra da Canastra/MG durante a realização da tese de doutorado intitulada *O léxico nos domínios da Zagaia: um estudo linguístico na Serra da Canastra - Minas Gerais* (Ribeiro, 2016) às lexias encontradas na obra *Dialeto Caipira, de Amadeu Amaral*.

METODOLOGIA

Os dados aqui apresentados foram retirados do corpus do vocabulário coletado no Parque Nacional da Serra da Canastra (MG) durante a realização da tese de doutorado intitulada “*O léxico nos domínios da Zagaia: um estudo linguístico na Serra da Canastra - Minas Gerais*” (Ribeiro, 2016). A escolha da obra de Amadeu Amaral, “*O Dialeto Caipira*”, teve como objetivo comparar itens lexicais usados por nossos entrevistados com aqueles lexemas que constam nesse dicionário, representantes do falar caipira do interior paulista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO DIALETO RURAL E LÍNGUA URBANA

Comparando as lexias coletadas no Parque Nacional da Serra da Canastra (MG) com o vocabulário de Amadeu Amaral, intitulado *O Dialeto Caipira*, cuja proposta foi retratar o falar do interior paulista no início do século XX podemos contabilizar 105 lexias comuns (Quadro 01).

Um estudo linguístico que aborde o dialeto rural de determinada região, necessita de que a questão entre a

distinção entre “vernáculo rural” e “língua urbana” seja investigada. Conforme a teoria de BORTONI-RICARDO (2005), o vernáculo rural, percebido aqui como dialeto rural, seria aquela variedade rural de determinada região que apresentaria traços especiais na sua gramática (fonética, morfossintaxe, léxico etc.). A língua urbana, por outro lado, abarcaria as diversas estratificações da língua empregadas no meio urbano, tanto na fala como na escrita, podendo ser concebidas tanto pelas variedades populares, as quais estão mais próximas do vernáculo, até a variedade culta.

A diferenciação entre dialeto rural e língua urbana teve início desde o processo de colonização do Brasil. Sabemos que diversos portugueses vieram para esse lugar na segunda metade do século XVI para explorar e obter sucesso nessas terras. Eles trouxeram consigo sua língua que, apesar de abarcar em si as variações linguísticas que qualquer língua natural apresenta, observava-se nela um caráter homogêneo de língua nacional, ou seja, o português. A língua portuguesa vinda de Portugal, a princípio, estabeleceu-se nos centros fundamentais da colônia, nas regiões onde hoje se situam Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo.

Conforme Mattoso Câmara, o português falado no Brasil em zonas urbanas é decorrente de uma homogeneização linguística que os colonos portugueses criaram para se comunicarem, uma vez que pertenciam a distintas províncias de Portugal e suas especificidades dialetais comprometiam o diálogo (CÂMARA, 1975, *apud* BORTONI-RICARDO, 2005).

Os dialetos rurais, por outro lado, serviram-se da união de falares de três grupos principais: o português, o índio e o africano. A troca linguística entre esses grupos no interior do país acarretou no surgimento de dialetos com características gramaticais especiais, principalmente na fonética, morfossintaxe e no léxico, tendo ao longo do tempo se distanciando cada vez mais da língua urbana e, sobretudo, da norma culta do português.

Os vernáculos rurais mantiveram-se distantes da norma portuguesa e abarcaram maior influência da língua indígena e de um pidgin. Conforme a articulista, os negros que aportavam no Brasil permaneciam nas cidades ou se conduziam para o interior (fazendas, quilombos) onde viviam com outros negros, com mestiços, índios e portugueses; ou seja, uma situação propícia para o surgimento de um pidgin (BORTONI-RICARDO, 2005 p.32).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de feita essa análise, chegamos à conclusão de que apesar de nomear um mundo que está em desenvolvimento contínuo, as palavras possibilitam que sociedades parecidas, mesmo de períodos distintos e/ou distantes no espaço mantenham língua e cultura comuns.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira: gramática, vocabulário**. 4ª ed., São Paulo: Hucitec/Brasília: INL, 1982 (reprod. Facsimil da 2ª ed.; 1ª ed. 1920).
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e Científicos, 1978.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estruturação mental do léxico. In: BORBA, Francisco da Silva. (Org.). *Estudos de filologia e linguística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981.
- _____. *Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BORTONI-RICARDO, S. M. A língua Portuguesa no Brasil. In: _____. *Nós chegemo na escola, e agora? Sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola, 2005. p.175-180.
- CASTRO, Vandersí Sant’ana. Revisitando Amadeu Amaral. *Estudos Linguísticos XXXV*, 2006, p. 1937-1944. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudos-linguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos 2006/sistema06/715.pdf>. Acesso em: 19 set. 2014.
- COSERIU, Eugenio. *El hombre y su lenguaje*. 2.ed. Madrid: Editorial Gredos, S.A., 1991.
- MATORÉ, G. *La méthode em lexicologie*. Domaine Française. Paris: Didier, 1953.

Quadro 01: Comparativo de Lexias: Parque Nacional da Serra da Canastra X Interior de São Paulo

Parque Nacional da Serra da Canastra/MG (RIBEIRO, 2016)	Interior de São Paulo (AMARAL, 1920)	Parque Nacional da Serra da Canastra/MG (RIBEIRO, 2016)	Interior de São Paulo (AMARAL, 1920)
Adonde	Adonde	Estabanado	Estabanado
Alembrar	Alembrar	Fubá	Fubá
Amarelão	Amarelão/ marelão	Gabiroba	Guabiroba
Angu	Angú	Garapa	Garapa, guarapa
Antão	Antão	Garrar	Garrá(r), agarrar
Antonte	Antonte	Garrote	Garrote
Apear	Apeá(r)	Guatambu	Guatambu
Ataiar	Ataiar	Imbigo	Imbigo
Baderna	Baderna	Impariado	Pareiada
Balaio	Balaio	Inté	Inté
Banguê	Bangur, bangúê	Ispicular	Ispiculá(r), especular
Barganha	Breganha, barganha	Isturdia	Isturdia
Berno	Bérne	Ixcumungado	Escomungado
Braba	Brabo	Jacá	Jacá
Bruaca	Bruaca	Jequitibá	Jiquitibá
Burrage	Burragem (Burrice)	Jinela	Jinéla, janela
Butina	Botina	Lampião	Lampião
Caboquinho	Cabôcro	Mangaveira	Mangabêra, Mangavêra
Cachimbo	Cachimbo	Marchadô	Marchadô(r)
Cacunda	Cacunda	Mascate	Mascate
Cafundó	Cafundó	Mascatear	Mascatear
Camarada	Camarada	Melado	Melado
Cambota	Cambóta	Moirão	Mo(i)rão
Candeiro	Candiêro	Munjolo	Munjólo
Candeia	Candeia	Murtirão	Muchirão, mutirão
Candiêro	Candiêro	Paió	Paiol
Caniço	Caniço	Peroba	Peróva, peróba
Canjerana	Canjarana, Canjerana, Cajarana	Perrengue	Perrengue
Canjiquinha de milho	Cangica	Pião	Pião
Capado	Capado	Pilão	Pilão
Capãozinho	Capão	Pinicar	Pinica(r)
Carapina	Carapina	Pitinho	Pito
Carrerão	Carrêra	Posar	Poisá(r)
Casca D'Anta	Casca de Anta	Quitanda	Quitanda
Catinga	Catinga	Quoresma	Coresma
Catingudo	Catingudo	Rancho	Rancho
Catira	Catira (Dança)	Relar	Rela(r)
Causo	Causo	Sacudido	Sacudido
Chiquero	Chiquêro (Curral de Peixe)	Sapé	Sapé
Chumaço	Chumaço	Sombração	Assombração, sombração
Coité	Cuieté	Tamanduá	Tamanduá
Corgo	Córgo, córrego	Tapera	Tapera
Coro	Co(u)ro	Tatu Peba	Tatu
Criolo	Criô[u]lo	Tempo Quente	Tempo Quente
Cuia	Cuía	Tiradera	Tiradêra
Cutelo	Cuitélo (Beija-flor)	Tomar bença	Bença
Dereito	Dereito	Tropa	Tropa
Devogado	Devogado	Trotão	Trotão
Dispois	Despois	Trote	Tróte
Do arco da véia	Arco da véia	Usucapião	Usucapião
Em antes	Im antes	Veiáco	Veiaco
Empipocar ~ Pipocar	Impipocar	Xará	Xará
Enjoado	Injuado		